

Maria Bárbara Rodrigues Stojanovic

O Dia-D e a sua cobertura pelo Primeiro de Janeiro

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2008

Índice

Resumo	1
Introdução	2
Objectivos.....	3
Metodologia.....	4
Capítulo I. O Dia-D	6
1.1. Praia Utah	12
1.2.Praia Omaha.....	13
1.3.Praia Gold	16
1.4. Praia Juno	18
1.5. Praia Sword	20
Capítulo II. O Primeiro de Janeiro.....	23
Capítulo III. Análise e discussão	26
3.1. Análise qualitativa	26
3.1.1. Contexto social, político e económico dos países envolvidos nos acontecimentos.....	28
3.1.2. Contexto directo do fenómeno	29
3.2. Análise Imagética	38
3.3. Análise quantitativa	41
Conclusão.....	44
Bibliografia.....	45

Resumo

O trabalho que iremos apresentar incidirá numa edição específica do jornal “O Primeiro de Janeiro”. A importância dessa edição tem a ver com a data da sua publicação: 7 de Junho de 1944, um dia depois do conhecidíssimo Dia D, aquele que seria o início do fim da II Guerra Mundial.

Nele, serão analisados a forma e os conteúdos do jornal, para além, obviamente, do modo como foram relatados aos portugueses da época os acontecimentos sobre a invasão da Normandia pelas forças Aliadas, em várias perspectivas e diferentes opiniões.

Os meios de comunicação actuais não são, de todo, comparáveis aos de então e, nesse sentido, poderemos dizer que esta edição do jornal, no dia a seguir aos acontecimentos, seria o que os leitores teriam como o mais aproximado da expressão “estar perfeitamente actualizado”.

Abstract

The work presented here will be focused on a particular edition of the newspaper “O Primeiro de Janeiro”. The importance of this edition has to do with the publishing date: July 7th, 1944, a day after the well known D-Day, the one that would mean the beginning of the end for the World War II.

In it, it will be analyzed the form and content of the newspaper, as well as, obviously, the way the events about the Normandy invasion by the allied troops were told to the portuguese of the time, in various perspectives and different opinions.

The media today are not, at all, comparable to the ones from then and, in that sense, we can say that this particular newspaper’s edition, the day after the events, would be what the readers would have closest to the expression “being perfectly updated”.

Introdução

Muito se tem falado e escrito sobre a II Guerra Mundial, considerada como um dos períodos mais negros da História da Humanidade e, mais concretamente, da invasão das tropas Aliadas pela Normandia, (considerado) o principio do fim da guerra, que viria culminar na derrota da Alemanha, em todas as frentes.

Não é, no entanto, nosso propósito falar de um tema tão sobejamente trabalhado. O objecto do nosso estudo é um jornal, mais especificamente, uma edição de um jornal português – O Primeiro de Janeiro. A edição é de 7 de Junho do ano de 1944, ou seja, um dia após o início da Invasão, que deu pelo nome de “Overlord”, mas que ficou conhecida como O Dia D.

Porque escolhemos este jornal? Essencialmente pela data, pela forma como as notícias da Guerra chegaram até nós, quase em cima dos acontecimentos (não esqueçamos que estamos em 1944). Para além desse facto, para nós importantíssimo, há outros factores a considerar: desde logo, pelo formato do jornal, em termos de tamanho (64 cm de comprimento e 45,2 cm de largura), pela sua apresentação e notícias de primeira página, pelos conteúdos, pelos títulos, a própria linguagem jornalística usada (que como veremos mais à frente, no capítulo III, era sensacionalista e emocional) e bem como a forma e o espaço ocupados no jornal.

Neste contexto, todos os itens atrás mencionados irão ser objecto de um estudo mais concreto e pormenorizado, começando, obviamente, por uma breve referência a factos históricos, até porque foram esses factos que deram origem, de uma forma directa, ao nosso trabalho.

Far-se-á, ainda, uma abordagem à história deste jornal, um dos mais antigos jornais portugueses, publicado pela primeira vez em 1868, no Porto (logo a seguir ao “Comércio do Porto” cuja 1ª publicação data de 02 de Junho de 1854), os motivos históricos e socio-políticos que levaram ao seu aparecimento, directores e editores que por lá passaram, assim como problemas internos, o longo dos anos, basicamente económicos; é

claro que a publicidade veio colmatar um pouco este tipo de problemas, mas não foi suficiente.

Finalmente, na edição de 7 de Junho de 1944 deste jornal, quando era director Manuel Pinto de Azevedo Júnior, falaremos, além do que já se disse, sobre a análise qualitativa e quantitativa deste exemplar, abordaremos temas no contexto social, político e económico dos países envolvidos no conflito, não esquecendo o contexto directo do fenómeno.

Objectivos

São os objectivos gerais deste trabalho:

Primeiro: Evidenciar a data de um exemplar tão antigo da imprensa portuguesa e os acontecimentos inerentes a essa data;

Segundo: Quantificar o número de notícias relativas à invasão da Normandia;

Terceiro: Analisar as notícias pelos títulos de caixa alta, pelas imagens, pelo tamanho e forma do jornal;

Os objectivos específicos são os seguintes:

Primeiro: Dar a conhecer um exemplar do jornal “O Primeiro de Janeiro”, de 1944, em plena Guerra Mundial;

Segundo: Comparar quantitativamente as notícias de guerra com outras de assuntos diversos;

Terceiro: Comparar qualitativamente as notícias de guerra;

Quarto: Verificar se existem contradições na informação dos acontecimentos, à luz da análise actual;

Quinto: Identificar e comparar acontecimentos socio-políticos e históricos da época, à posteriori;

Sexto: Conhecer o léxico utilizado na época.

Metodologia

Numa investigação científica, não é possível analisar com total e pura objectividade o alvo de estudo, seja este qual for, por mais minuciosa e profunda que seja a pesquisa e trabalho do investigador. Isto porque, segundo Jorge Pedro Sousa (2006, p. 317):

“A «verdadeira» objectividade é, portanto, impossível, porque representa a onisciência do homem em relação a um determinado objecto. Na base deste problema, estão as limitações subjacentes à relação dos seres humanos com a realidade e as limitações que tornam impossível reproduzir essa realidade.”

No entanto, e dentro destas limitações naturais, tentámos fazer um trabalho o mais completo possível e, para tal, tornou-se necessário adoptar uma metodologia específica que servisse de orientação na trajectória de um trabalho de investigação.

Neste contexto, e numa fase inicial, propusemo-nos pesquisar, através de investigação bibliográfica e nos arquivos do jornal “O Primeiro de Janeiro”, tendo sido feita, também, uma leitura de obras relacionadas com estes acontecimentos históricos, e houve, igualmente, uma pesquisa nalguns sites de Internet acerca do jornal “O Primeiro de Janeiro” e de metodologia para trabalhos de investigação jornalística. De seguida, fez-se a análise de conteúdo como técnica de investigação utilizada e procedeu-se à recolha de toda a documentação necessária e processamento de dados. Nesta fase do trabalho, foi feita a quantificação das notícias em termos de percentagem e de superfície ocupada e não foram encontrados quaisquer obstáculos ou dificuldades na sua execução.

Relativamente à quantificação das notícias, foram criadas seis tabelas, para melhor se compreender o nível de importância dada à invasão, divididas pelos seguintes temas:

Primeiro: Destaque da cobertura da invasão na Primeira Página;

Segundo: Destaque à cobertura imagética da invasão na Primeira Página;

Terceiro: Destaque da cobertura da invasão nas restantes páginas do jornal;

Quarto: Destaque imagético da invasão nas restantes páginas do jornal;

Quinto: Totalidade de notícias, sobre a invasão, em todas as páginas do jornal;

Sexto: Totalidade do conteúdo imagético, sobre a invasão, em todas as páginas do jornal.

Capítulo I – O Dia D

Um dos períodos mais devastadores da história da Humanidade – a II Guerra Mundial – foi o despoletar de vários acontecimentos na Europa que tiveram lugar imediatamente a seguir ao fim da I Grande Guerra, e que permitiram a Hitler tornar-se Chanceler da Alemanha¹.

Contudo, foi com a chegada deste ao poder que a situação chegou a um ponto insuportável, dando origem ao maior, mais sangrento e mortífero conflito de sempre. Por ordens expressas do ditador alemão, cerca de 1,5 milhão de polacos, 2 milhões de russos, mais de 6 milhões de judeus (o seu principal alvo), milhares de homossexuais, presos políticos, ciganos (estes últimos quatro, das mais variadas nacionalidades), e alemães opositores ao regime, foram assassinados em campos de concentração nazis (Swiebocka, 1999).

De acordo com Jordan (2007) Hitler queria construir o maior império – germânico e não só – de todos os tempos. Para conseguir atingir este objectivo ele pretendia invadir e subjugar o maior número de países possível, anexando-os à Alemanha. Neste sentido, quando o líder nazi chegou ao poder, em 1933, começou prontamente a ignorar e quebrar todos os tratados de paz criados e assinados pelo seu país, após a I Guerra Mundial. Exemplos disso são o aumento do número de tropas, de armamento e a criação de uma força aérea – Luftwaffe) – algo que a Alemanha tinha sido proibida de fazer no acordo pós – guerra de 1919, em Paris. Ao mesmo tempo ia fazendo ameaças e preparava-se para invadir alguns países da Europa (Wiesenthal, 2006).

Em 1935, um ano e meio após ter sido eleito, ordena o massacre de um grande número de potenciais opositores numa só vez, naquilo que ficaria conhecido na História como a “Noite das Facas Longas”. Passados quatro anos anexa, finalmente, a Áustria, depois de

¹ Ver Jordan, David (2007). A chronology of World War II – The ultimate guide to the biggest conflict of the 20th century. London. Grange Books.

várias tentativas falhadas e algo que pretendia fazer desde o primeiro momento da sua eleição.

Estas e outras atitudes aumentam de dia para dia a tensão política europeia; pequenos conflitos vão surgindo um pouco por todo o lado, até que, a 1 de Setembro de 1939, invade a Polónia, provocando, assim, o início da II Guerra Mundial.

Segundo David Jordan (2007, p.25) de imediato, (dois dias depois) a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, tendo sido os primeiros a fazê-lo. A esta altura, e durante um certo período, os Estados Unidos optam pela neutralidade. No entanto, quando são atacados pelo Japão, aliados da Alemanha, a 7 de Dezembro de 1941, no ataque surpresa de Pearl Harbour, decidem, finalmente, apoiar a França e a Inglaterra, passando a participar activamente no conflito e criando um grupo de países Aliados, com o objectivo de derrotar a Alemanha.

Um ano depois destes acontecimentos, os aliados fazem a sua primeira tentativa para invadir a Europa ocupada pelas tropas de Hitler. Com um grupo de 6100 soldados (sobretudo canadianos) das forças de assalto, apoiados por meios navais e aéreos, põem em curso a operação “Jubilee”, com a missão de atacar o porto de Dieppe. No entanto, de acordo com Bougaardt (2004, p. 136), esta operação falhou desde o princípio, porque perderam o factor surpresa ao chocarem contra um grupo de navios alemães: depois de um violento combate de 9 horas, os aliados saíram derrotados e com uma perda de cerca de 4000 homens entre mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros de guerra.

Apesar de tudo, o facto de terem perdido esta batalha de forma tão violenta, acabou por ter, ainda assim, aspectos positivos, no sentido de que, esta foi uma lição que se viria a provar útil para o planeamento da invasão de 1944.

A referida invasão para libertar a França, que viria a ficar conhecida na História da Humanidade como o Dia D, começou a ser delineada logo após a conferência em Casablanca, em Janeiro de 1943, ficando a fase de planeamento a cargo do general britânico Sir Frederick Morgan, nomeado para Chefe do Supremo Comando Aliado. A 7 de Dezembro do mesmo ano (no 2º aniversário do ataque a Pearl Harbour), é substituído e o general americano Dwight D. Eisenhower é nomeado para Supremo Comandante da Força Expedicionária Aliada. Para segundo em comando é chamado o “Air Chief Marshall” A.W. Tedder. Para além destes dois elementos faziam, ainda, parte do grupo de estrategas: “Air Chief Marshall” T. Leigh-Mallory da força aérea, o general B. L. Montgomery do 21º Grupo de Exército – que comandou as forças no terreno – e o Almirante B. H. Ramsey da força naval (Bougaardt, 2004)

Para que a Europa fosse libertada da opressão alemã, os aliados tiveram que encontrar uma solução o mais intimidante e infalível possível, de modo a abalar e destruir o sistema nazi, definitivamente.

Essa solução passava por uma invasão a larga escala, sendo que o local mais eficaz para o fazer, era o norte da França. Assim, a Normandia tornou-se no alvo dos aliados, e o meio para atingir o fim.

Para uma operação desta envergadura teriam de ser reunidos todos os meios disponíveis. Dezenas de divisões de infantaria, batalhões de rangers, centenas de regimentos, milhares de paraquedistas, várias brigadas e divisões blindadas, e um total de 3000 aviões, 5000 embarcações e 156500 homens, contribuíram para a que foi, até hoje, a maior operação anfíbia na história (idem).

Depois dos objectivos traçados, das missões e áreas a invadir distribuídas pelas tropas, o dia 5 de Junho foi o escolhido para avançar.

No entanto, devido ao mau tempo, a operação “Overlord” (nome de código da invasão) foi adiada por 24 horas. Ainda que o tempo não tivesse melhorado muito, a tempestade que se fazia sentir abrandou o suficiente para permitir o desembarque dos militares americanos, ingleses e canadianos. À meia-noite de 6 de Junho de 1944, deu-se início ao assalto da costa da Normandia, como o grupo de paraquedistas a saltar por trás das linhas inimigas, com o objectivo de as eliminar, protegendo assim as tropas que iriam invadir as praias cerca 6 horas e meia mais tarde.

Para que a investida resultasse melhor, a área a invadir, com cerca de 80 km de extensão, teve que ser dividida em 5 secções, com o nome de código: Utah, Omaha, Gold, Juno e Sword. Cada uma destas zonas foi atribuída a cada país envolvido, ou seja: as praias Utah e Omaha ficaram a cargo do exército americano – chefiado pelo oficial de comando Tenente-general O. N. Bradley do 1º exército americano; ao passo que para as praias Gold e Juno foi destacado o exército inglês, e para a praia Sword o exército canadiano, sendo que estes últimos dois, foram dirigidos pelo Tenente-general M. C. Dempsey do 2º exército britânico.

Ambos os oficiais, e as suas respectivas tropas, estavam sobre o comando directo do general B. L. Montgomery, chefe de comando do 21º grupo de exército (Bougaardt, 2004).

No lado alemão os meios de defesa consistiam unicamente no aproveitamento da topografia do norte da França, naturalmente perfeita para operações de defesa, e na criação de um muro (o muro do atlântico) e os seus respectivos componentes – descritos mais à frente.

A ideia para criar este muro surgiu, em 1942, depois do bem sucedido ataque alemão à doca de St. Nazaire e da fracassada operação aliada “Jubilee” – numa área parcial e especialmente fortificada, vista, posteriormente, como uma previsão do Dia – D (idem).

Apesar de terem saído vitoriosos em Dieppe (operação “Jubilee”), os alemães aperceberam-se de que era necessário investir em mais e melhores defesas localizadas. Hitler mandou construir um muro que percorresse toda a costa do norte da França, ininterruptamente.

Mas, ironia das ironias, o que foi criado, na realidade, foi uma série muito fraca de *bunkers* incompletos, apoiados por pontos de observação pontuais, pobres e dirigidos por uma estrutura de chefia absolutamente inflexível, criada pelo *führer* alemão, recorrendo a trabalho escravo judío e a escassos meios militares, pois estes eram necessários na frente russa (Bougaardt, 2004). Somente Pas-de-Calais e o sector Dog Green em Omaha representavam uma potencial e séria ameaça ao desembarque aliado (idem).

Sendo impensável (e fatal) discutir as decisões de Hitler, o comandante de campo Rommel, que supervisionava a construção do muro, não conseguiu evitar que esta se tornasse num dos maiores e mais humilhantes erros em toda a história militar mundial, como se viria efectivamente a verificar.

Assim, passemos, então, a explicar em que consistia o muro do atlântico, de acordo com Bougaardt (2004):

► Trobuchs: um bunker subterrâneo, com somente alguns centímetros acima do nível do chão, de pequenas dimensões, com capacidade para albergar, no máximo, 2 homens (obrigatoriamente atiradores experientes). Estes usavam armas de artilharia leve e metralhadoras MG de calibre 34 e 42. Por terem níveis excelentes de protecção e uma, muito boa, visibilidade para as praias, estavam perfeitamente posicionados para disparar, só ficando vulneráveis perante a falta de munições. Foi uma das duas tácticas mais mortíferas e devastadoras para os aliados (sobretudo em Omaha), chegando mesmo a eliminar pelotões e companhias inteiras de uma só vez;

► Widerstandsnetz (pontos de resistência): o componente básico do muro. Espalhados pela costa, eram pequenas ou médias fortificações interligadas, constituídas por instalações para cerca de 200 soldados e apetrechados com elevado número de armamento, tal como: uma ou duas armas de artilharia pesada de calibre 88mm e 105mm, conjunto de metralhadoras MG de calibre 34mm e 42mm e/ou várias armas anti-tanque de artilharia leve de 57mm. Esta foi a segunda das maiores causas para o elevado número de baixas das tropas aliadas, particularmente em Utah e Omaha;

► Belgian Gates (também conhecidos como “asparagus” ou “element c”): era o nome de código para os obstáculos de aço maciço, colocados na praia, em linhas paralelas, com o objectivo de travar e encurralar as embarcações das forças aliadas. Destruíam-lhe os cascos, deixando-as ao alcance da artilharia. Muitos destes obstáculos ficavam encobertos pela água com a subida das marés, sendo, desse modo, mais eficazes. Apesar disso, por várias vezes os aliados usavam-nos para se defenderem do fogo inimigo quando chegavam à margem (podemos ver o exemplo disso mesmo nos primeiros minutos do filme “Saving Private Ryan” de Steven Spielberg, de 1998);

► Finalmente, minas terrestres: colocadas sobretudo na praia Omaha. Algo que o comandante Rommel tinha aprendido a usar com os ingleses, nas suas batalhas com estes no norte de África.

Na madrugada de 5 para 6 de Junho, é iniciada oficialmente a invasão. Meia hora antes, os paraquedistas dos regimentos 505, 506, 507, 508, 326 e 327 das 82ª e 101ª divisões aerotransportadas, do 4º grupo de divisão de infantaria, começaram a aterrar por detrás das posições inimigas (especialmente nas zonas circundantes das praias Utah e Omaha). O objectivo era atacar e neutralizar as defesas nazis a partir do interior, cortar-lhes as comunicações – de modo a impedi-los de pedir reforços –, criando, assim, a oportunidade para capturar e controlar pontes, vilas e aldeias com valor estratégico. No entanto, fogo inimigo e inexperiência dos jovens pilotos fizeram com que os paraquedistas caíssem no local errado, e muitos morreram no salto. Conjuntamente, as

baterias germânicas na costa entre Pernelle e Houlgate, eram bombardeadas por 1136 aviões da Força Aérea Real (RAF – Royal Air Force) (Bougaardt, 2004).

Passadas 7 horas do primeiro envio de paraquedistas, as praias Utah e Omaha foram atacadas simultaneamente, às 6h30 da manhã. Às 7h25 e 7h30 o exército britânico invade as praias Gold e Sword, respectivamente, e, finalmente, as 8h o ataque completa-se, com a invasão da praia Juno, por parte dos canadianos.

1.1 – Utah

A missão primária dos soldados americanos, ao desembarcar nesta zona, era criar uma base de praia, de modo a poderem controlar o porto de Cherbourg, 55km a este do local de desembarque. Foram destacados vários regimentos da 4^a, 9^a, 79^a e 90^a divisões de infantaria do VII corpo de exército, e uma brigada especial de engenheiros do 6^o grupo blindado, liderados pelo major-general J. L. Collins (Bougaardt, 2004).

Situada na península de Contentin, as defesas alemãs nesta parte da costa eram relativamente fortes, e os americanos precisaram de vários dias para eliminar algumas delas. Aldeias como Amfreville e St. Marie-du-Mont, eram o alvo dos soldados, mas estes tiveram que partir em retirada. Isto devido ao facto de os paraquedistas terem falhado o local certo do salto, o que deu vantagem numérica aos alemães. A resistência nazi manteve-se, atrasando os planos e avanço das tropas aliadas².

Todavia, a falta de preparação dos alemães e o sucesso de alguns grupos aerotransportados – que conseguiram sobreviver à queda, e prosseguir com a sua missão –, contribuíram para uma operação eficaz e com poucas baixas em Utah (idem).

² Ver Ambrose, Stephen E. (2001). *Band of Brothers*. London, Pocket Books

Alvos como St. Mére-Eglise – controlada depois de uma feroz, mas curta batalha; a ponte La Fiére – importante para facilitar o avanço das tropas pelo interior e impedir outros soldados alemães, que estavam de reserva, de irem ao auxílio dos seus camaradas; e, Le Port – ponto de convergência entre os rios Douvre e Morderet, e que os nazis tinham inundado, pressentindo uma invasão por parte dos aliados, para prejudicarem a aterragem dos seus inimigos. Esta estratégia falhou, uma vez que os habitantes da área se aperceberam do que estava a acontecer, e foram ajudar os americanos (idem); foram conquistados no Dia – D.

Carentan, que apesar de ter demorado 19 dias a capturar, era outro dos pontos estratégicos mais importantes, já que ligava Cherbourg a Paris e onde poderiam unificar tropas e armamento vindas de Utah e Omaha, criando e interligando, assim, duas bases de praia.

O principal local de desembarque, porém, foi o sector “Uncle Red”, onde elementos da 8ª divisão de infantaria, do 2º batalhão americano, a bordo de 10 barcos Higgins, deveriam ter chegado. Mas por causa das correntes e fortes ventos, foram arrastados alguns quilómetros para sul. Ao contrário do que inicialmente parecia, esta situação revelou-se uma bênção, porque a resistência alemã nesse lugar era pouca e fraca (idem).

Ainda assim, existiam lugares que estavam mais fortemente defendidos, já que os alemães acreditavam que a qualquer momento os aliados poderiam tentar invadir a Normandia. Nesse sentido, tentaram identificar quais os locais mais prováveis para a tal invasão, e fortificá-los o melhor possível. Alguns desses locais eram La Madeleine, Ravenoville, Azeville e St. Marcouf.

Apesar de todos os desafios, e da resistência mais difícil de extinguir em regiões como as acima mencionadas, no fim do desembarque, os oficiais aliados concluíram que esta

tinha sido uma operação bem sucedida. No total, em Utah (a praia mais a oeste de todas envolvidas) tinham desembarcado, no final do dia, 23 250 homens, e desses houve somente (considerando as circunstâncias) 197 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos (Bougaardt, 2004).

1.2 – Omaha

Praia invadida juntamente com Utah, às 6h30 da manhã. Dividida em 4 subsectores: Dog White, Dog Green, Charlie e Fox Red; foi a mais devastadora e fatal de todas as praias abrangidas no Dia – D, e, também, a mais difícil de capturar. Isto por causa da sua extrema importância táctica, tanto para os aliados – que poderiam desembarcar o maior número de tropas e equipamentos, mais do que em qualquer outra das praias, e onde poderiam, também, formar uma ligação perfeita e vital entre Utah, Sword e Gold –, como para os alemães, que tinham aqui a melhor área possível de defesa. Ia de Vierville, a oeste, até Cabourg, a este (Bougaardt, 2004).

Com a missão de controlar ficaram os regimentos 16, 116 e o 2º batalhão de rangers das 1ª, 8ª e 29ª divisões de infantaria, do V corpo do exército americano, comandados pelo major-general L. T. Gerow. Foram, posteriormente, apoiados e seguidos por outros regimentos das mesmas divisões (idem):

► Sector Dog White: local onde o porto de Mulberry (mandado construir por Churchill, para que o desembarque de equipamento mais pesado, fosse facilitado), foi construído, e com poucos tiroteios. Foi, também, onde a 29ª divisão de infantaria teve que descarregar 16 tanques LCT's (Landing Craft Tank), que por sua vez, continham 4 tanques Sherman DD (Duplex Drive) cada um. Deveriam ter sido colocados a 3km da praia, 5 minutos antes da hora H, mas devido, mais uma vez, ao mar fortemente agitado, os LCT's afundaram-se. Só passadas quase 24 horas é que os primeiros equipamentos chegaram à margem, providenciando o apoio que as forças de assalto precisavam.

► Sector Dog Green: destacados para o pior e mais violento ponto de toda a invasão, estavam a companhia A do 116º regimento, que perderam soldados ainda antes destes chegarem à praia. Muitos foram mortos dentro das embarcações que se iam aproximando da margem. E, por causa do fumo dos bombardeamentos e nevoeiro, o apoio naval não conseguiu disparar sobre os postos de defesa alemães (a mais forte e mortífera de todo o muro do atlântico), de maneira a proteger os soldados que entretanto já tinham conseguido chegar à praia (Bougaardt, 2004).

Para se orientarem no meio da confusão, os soldados sobreviventes faziam uso de pontos de referência – como as igrejas de St. Laurent e Colleville, cujas torres se destacavam por cima do fumo por serem tão altas –, na paisagem da costa. Algo a que as tropas aliadas tinham sido obrigadas a decorar antes do Dia – D, para o caso de uma situação destas ocorrer.

Por causa do brutal massacre a que estiveram sujeitos, o general Bradley pensou em afastar os sobreviventes dali para os desembarcar noutro sítio. Todavia, por esta altura alguns pequenos grupos já tinham começado a eliminar e apoderar-se lentamente de várias zonas de defesa alemã, mantendo uma frente constante.

Isso, apesar das grandes perdas humanas e materiais sofridas, pelos aliados, fez com que, passados alguns dias, os americanos tivessem o controlo deste sector.

► Sector Charlie: para aqui foi enviado o maior número de companhias do 116º regimento, apoiados pelo 5º batalhão ranger e duas companhias do 2º batalhão ranger. O objectivo era avançarem pelo interior em direcção a Point-du-Hoc, para se apoderarem desta localidade. O nível de resistência alemã neste sector era superior ao esperado pelas forças aliadas (idem). Havia, também, um elevado número de obstáculos e minas terrestres na praia que destruíram 27 dos 32 tanques para aqui levados, deixando os soldados desprotegidos e imobilizados durante um longo período de tempo.

► Sector Fox Red: era um ponto de ligação entre os sectores Dog White e Dog Green. O 16º regimento da equipa de combate e oito companhias desse regimento tinham a tarefa de controlar esta área de Omaha. Um lugar que, também, causou imensas baixas, tanto por causa da forte resistência alemã, como por culpa dos atrasos e erros navegacionais por parte das tropas de assalto. Do total de vários milhares de soldados das 8 companhias aqui presentes, só 125 da companhia L é que conseguiu atravessar a praia e chegar à falésia.

Apesar destes contratempos, os aliados conseguiram centros de comunicação, usando os bunkers alemães que tinham capturado. Isto tornou o desembarque das seguintes vagas de assalto mais fáceis e rápidas, como o 1º e o 2º batalhão da 116ª divisão de infantaria, e o 2º e 3º batalhão da 16ª infantaria, em Les Moulins.

Dos 34 250 homens enviados para Omaha, cerca de 3000 morreram ou ficaram feridos, sendo que 1000 pertenciam à força aérea e naval, e os restantes 2000 ao exército americano. Por causa disso, os sobreviventes nomearam a praia de “Bloody Omaha” (Omaha Sangrenta) (Bougaardt, 2004).

1.3 – Gold

Praia com 8 km de comprimento que ia de La Rivière até Le Hamel, e que pertencia ao sector Anglo-canadiano.

O assalto, iniciado às 7h 25m, neste ponto da invasão, foi da responsabilidade da 7ª divisão blindada, da 8ª brigada blindada, da 49ª divisão de infantaria, da 50ª divisão Northum e o 47º comando da marinha real, do 2º exército britânico. Por parte dos alemães, a defesa estava por conta da 352ª infantaria e partes da 716ª divisão de infantaria do exército alemão. Estes usavam armas MG 34mm e 42mm e já tinham aqui

treinado e feito exercícios para contra atacar uma potencial invasão (Bougaardt, 2004). No entanto, ainda nesse dia foram quase todos derrotados.

Quanto aos aliados, o seu objectivo era criar uma ponte de ligação com a praia Omaha e Juno (e respectivas tropas), para cortar a estrada de Caen – Bayeux, fragilizando as tropas alemãs; e destruir a bateria armada em Longues-sur-Mer (que era conhecida pelos seus habitantes como “Le Chaos” devido ao barulho ensurdecador que faziam quando as armas eram disparadas) que, através da poderosa artilharia constituída por 4 armas de 155mm, estava a comprometer o sucesso desta missão. Isso prendia-se com o facto de esta bateria ter um alcance excepcional, com um campo de visão que abrangia tanto a praia Gold como a praia Omaha, para além, ainda, de conseguir atingir embarcações a 21km da costa. Apesar de terem conseguido manter-se activos, depois de bombardeados pela força aérea britânica, os alemães, que ali operavam, acabaram mesmo por ser derrotados e 184 foram feitos prisioneiros (idem).

Para o desembarque os ingleses usaram três tipos de tanques diferentes, entre quais os Duplex Drive, também conhecidos por AVRE (Armoured Vehicle Royal Engineers) blindados, criados pelo major Percy Hobart, tanques Bridging e tanques Flail. Estes últimos eram usados para abrir caminho por entre campos de minas, permitindo um melhor e mais rápido avanço das tropas pelo interior (ibidem).

Ao contrário dos soldados em Omaha, os tanques usados pelos ingleses foram usados correctamente e colocados na água no momento certo. Entretanto, as defesas alemãs enfraqueciam com a falta de armamento e munições, e, apesar de os ingleses terem perdido 20 embarcações blindadas, falhado em controlar a ponte de Caen-Bayeux – que se situava, precisamente, no centro de toda a invasão, e ficava demasiado longe da praia para poder ser conquistada no primeiro dia. Isso, apesar de tudo, acabaria por acontecer alguns dias mais tarde, depois de muitas lutas ferozes, e terem perdido quase 400 homens, a verdade é que a meio do Dia-D, as tropas britânicas já tinham concretizado a maioria das suas tarefas. Alguns exemplos disso são Le Hamel, uma pequena aldeia a oeste, na área da praia Gold, que continha um ponto fortificado alemão, e que foi conquistado ao fim de uma batalha com 8 horas de duração; Ver-sur-Mer que não

ofereceu qualquer oposição às tropas britânicas, apesar de ali se encontrar outra fortificação alemã e o facto de terem conseguido avançar 11 km para o interior (Bougaardt, 2004).

Assim, ao anoitecer do dia 6 de Junho de 1944, as tropas inglesas tinham conseguido desembarcar 24 970 homens, perdendo 413 – entre mortos, feridos e desaparecidos, fazendo deste assalto um dos mais bem sucedidos no dia de invasão e um começo moderado para a, posterior, libertação da França (idem).

1.4 – Juno

Área destacada aos canadianos, sob o comando do Tenente-general J. T. Crocker do I Corpo do 2º Exército Britânico, os canadianos da 4ª Brigada Especial de serviço, a 2ª Brigada Blindada e a 3ª Divisão de Infantaria, enfrentaram uma dura batalha, ao início do ataque.

Para começar, o assalto iniciou-se mais tarde do que o previsto, o que aumentou o risco de perderem embarcações, uma vez que, com a subida da maré, deixavam de ver os obstáculos na praia. Para piorar a situação, só uma parte dos tanques foi descarregado e o apoio armado do 7º e 8º Grupo de Brigada não era o suficiente (ibidem).

As forças de assalto não conseguiram, também, desembarcar as tropas com a rapidez necessária, o que no estreito canal nesta área de Juno, causava um grande congestionamento.

Ainda assim, a situação começou a melhorar para os aliados e, apesar de um terço das embarcações terem sido total ou parcialmente destruídas pelos ataques alemães, as minas na praia ou colisões, as tropas canadianas conseguiram avançar no terreno.

Quanto à oposição alemã, Bougaardt (2004) afirma que a quantidade e o nível de resistência variava conforme as zonas, sendo que nuns sítios era inexistente (como em Ver-sur-Mer, em Gold) e noutros era obstinada, como por exemplo: em Luc-sur-Mer (foi exactamente aqui que aconteceu o primeiro ataque em 1941) onde os alemães conseguiram, de forma organizada, construir um forte contra ataque. Apesar de tudo, não souberam usufruir da vantagem de conhecerem bem o terreno, e foram derrotados, passado pouco tempo; em Bernières-sur-Mer, um dos 4 pontos fortes alemães em Juno (à priori), aconteceu o mesmo, e passado uma hora e meia de combate, foram derrotados pelos “Queen’s Own Rifle” do Exército Canadano; e St. Aubin-sur-Mer, o segundo ponto forte dos alemães na área, e que as forças invasoras – devido a um maior número de tropas e armamento – conseguiu, mais uma vez, eliminar e controlar ao fim de, pouco mais de, 7 horas de combate; e outros locais – cujo resultado foi, rigorosamente, o mesmo –, como Courseulles, Port-en-Bessin e Banville (Bougaardt, 2004).

Ao fim do dia, depois de terem conseguido neutralizar a maior parte dos pontos de resistência nazi, os soldados aliados criaram uma base de praia com uma dimensão de 6km para o interior e 5km de distância do aeroporto de Carpiquet. Criaram, também, o único elo de ligação aliado do género de todas as bases de praia construídas nesse dia, ao serem capazes de se unir à 50ª Divisão Britânica em Gold. A par com os ingleses, precisamente, em Gold, os canadianos foram os que mais cumpriram os seus propósitos no primeiro dia da invasão, apesar de terem perdido 925 soldados – dos quais 21 oficiais –, dos 21 400 desembarcados. Conseguiram, também, descarregar 3200 veículos e 1100 toneladas de mantimentos, fazendo um êxito desta missão inicial (idem).

1.5 – Sword

Com uma extensão de, mais ou menos, 8km, esta praia vai de Lion-sur-Mer a oeste, até Ouistreham a este, e foi invadida às 8 horas da manhã, sendo a última de toda a operação.

Para aqui foram destacados o 2º Exército Britânico, a 51ª Divisão de Infantaria, o 3º Grupo de Divisão de Infantaria e os 33º e 76º Regimentos do 8º, 33º e 185º Grupo de Brigada (entre outros), também, comandados pelo Tenente-general J.T. Crocker (Bougaardt, 2004).

Tal como Omaha, esta praia foi, igualmente, dividida em 4 subsectores: Oboe, Peter, Queen, e Roger. O principal objectivo das tropas para esta zona, era abrir caminho ate Caen, para, de seguida, poderem controlar o aeroporto de Carpiquet. Para que isso acontecesse tinham que enfrentar e vencer a 716ª Divisão de Infantaria, a 711ª Infantaria de Reserva alemãs, e, também, a 21ª Divisão Panzer. A resistência mostrada por estes soldados alemães era razoável, por isso, por volta do meio-dia, os aliados tinham-se reunido com a 6ª Divisão Aerotransportada, em Benouville, enfrentando os alemães, já no interior da costa (idem).

Tanto os canadianos, como os ingleses, tiveram bastante dificuldade em conseguir dominar as forças nazis (apesar da resistência não ser a mais feroz de todas), mas pouco a pouco iam conquistando alguns dos seus propósitos. Ainda que não tivessem conseguido atingir o seu alvo principal, Caen – para isso tiveram que esperar mais de um mês, e enfrentar violentos e mortíferos combates, diariamente, com o inimigo alemão –, objectivos como: a ponte Pegasus – que ligava directamente Ouistreham a Caen, e que se encontrava em Benouville –, foi tomada, em cinco minutos pela 6ª Divisão Aerotransportada, de modo a cortar as linhas de comunicação e mantimentos entre os alemães que estavam na praia e os que estavam de reserva uns quilómetros mais para o interior, enfraquecendo-os (Bougaardt, 2004); Ranville – onde os aliados formaram um quartel-general na igreja da aldeia; La Brèche – que duas horas após o desembarque, foi

controlada pela 8ª Brigada de Infantaria Britânica; entre outros como Ouistreham e Riva-Bella (Bougaardt, 2004).

Depois dos combates e vários desafios enfrentados pelas tropas britânicas e canadianas, estas conseguiram controlar mais de metade dos seus alvos para aquele dia, aumentando o número de missões bem sucedidas para três, a par com as praias Juno e Gold. Para essa conclusão contribuiu o facto de somente 630 homens terem morrido, ficado feridos ou desaparecidos, entre os 28 845 dos que desembarcaram em Sword, nesse dia (idem).

A partir daqui a missão para os dias seguintes era unirem-se com as restantes tropas, das demais praias da invasão da Normandia.

Ironicamente, e segundo Bougaardt (2004, p.107) o que fez os alemães, perder esta batalha, foi o próprio Hitler, já que este não acreditava que a maior e mais forte invasão tomasse lugar na Normandia, enfrentando-a como uma manobra óbvia de diversão. Por isso, quando o comandante Rommel lhe pediu mais reforços humanos e materiais – para poder construir o muro do atlântico que, apesar de tudo, o *führer* exigia –, o líder nazi negou-lhos, enviando uma quantidade, que se veio a revelar, irrisória, comparada ao que seria necessário, tanto para a construção, como para a, posterior, defesa desse mesmo muro (ibidem).

De acordo com Bougaardt (2004, p.107) os meios que Hitler disponibilizou para a construção desta operação de defesa, eram soldados que já tinham prestado serviço na frente russa, soldados mais inexperientes, e mão-de-obra escrava (sobretudo judeus dos campos de concentração nazis).

Quanto à defesa em si, os alemães tinham falhado em atingir o objectivo traçado pelo líder do Reich, e este não lhes enviava armamento, nem mantimentos suficientes para enfrentar uma operação como a que ocorreu na costa do norte da França.

No total, e segundo o mapa “Carta Histórica” do Comité de Comemoração do Dia-D (2007), o número de tropas aliadas (com inúmeros pelotões, regimentos, batalhões, divisões, etc; e de todas as áreas: Exército, Marinha e Força Aérea) reunidas para a invasão eram: 156 492.

A duração global desta operação “Overlord”, desde o dia 6 de Junho na costa da Normandia, até Paris – a primeira grande meta a atingir com toda esta manobra militar –, durou 80 dias. Durante esse tempo, quase, dois milhões de homens, dos dois lados da guerra, foram envolvidos, dos quais, pelo menos, um terço perdeu a vida, de acordo com Christian Brac de La Perriere, presidente do Comité da Comemoração do Dia-D (La Perriere, 2007).

Acredita-se, até hoje, que esta foi a real viragem da guerra, e que, a partir deste momento, os aliados estavam no caminho certo para a vitória final, acabando de uma vez por todas com o conflito.

Capítulo II – O Primeiro de Janeiro

No final da década de 60 em pleno século XIX – a 1 de Dezembro de 1868 – surge no Porto um dos mais antigos jornais portugueses: “O Primeiro de Janeiro”. Criado em sociedade, no seguimento do movimento “a Janeirinha”, por um grupo de personalidades portuenses como Enguia do Bolhão e Delfim Maia, tinha como principal figura Gaspar Ferreira Baltar. Este último tinha sido emigrante no Brasil, voltando a Portugal com uma considerável fortuna, que usou para a fundação do Jornal. (Santos, 2000).

Inicialmente, o Primeiro de Janeiro não teve muito sucesso, porque apesar do capital investido, não parecia estimular a curiosidade dos leitores. O facto de Gaspar F. Baltar escolher (e querer) sempre as pessoas que ele achava mais cultas, inteligentes e capazes de escrever para o seu jornal, também não facilitou a tarefa, uma vez que a maioria dos temas e maneira como eram escritos não eram muito apelativos às massas, por não corresponderem a sua realidade (idem). Uma das pessoas contratadas logo de princípio foi o reputado jornalista Emídio Navarro, que era o comentador e redactor de politica interna e externa, assim como o responsável pelos editoriais. O objectivo de Baltar era ter um jornal o mais sério e culto possível e não um “objecto” comercial. Chegou mesmo a haver um só redactor e um só repórter encarregado de recolher todas as notícias. Mesmo assim, e depois de algumas contrariedades iniciais, o Primeiro de Janeiro passou a ser impresso diariamente, ao fim de pouco mais de um mês do seu aparecimento.

Mantendo-se como director, Ferreira Baltar viu as tiragens do seu jornal aumentar quando em 1870 consegue a exclusividade da cobertura do conflito franco-alemão, que ocupava a maior parte das páginas. Em Março do mesmo ano, o jornal torna-se independente do Centro Eleitoral – onde estava localizado até então –, ao ser criada uma oficina num outro edifício (que seria ocupado menos de um mês depois), na rua de Santa Catarina. Foi em consequência desta mudança, que a publicidade apareceu pela primeira vez no Primeiro de Janeiro, como meio de suportar os custos das novas instalações (ibidem). Os anúncios ocupavam uma grande parte do jornal, chegando mesmo a aparecer na primeira página aos domingos, e tornando-se, a partir deste momento, um

elemento permanente do jornal. Pouco tempo depois é cumprido um dos maiores objectivos de Baltar – impressão própria –, ao unificar tipografia e redacção no mesmo local.

O ano de 1870 foi muito produtivo e inovador para este jornal diário, pois em Maio, para solidificar a sua posição e atrair um número maior de leitores, é publicado o primeiro de vários livros: “O caminho mais curto”, por Afonso Karr, traduzido por Urbano Loureiro. A estratégia foi um sucesso já que as vendas aumentaram em mil exemplares. E, assim, de cada vez que um livro era publicado, as vendas aumentavam.

Apesar de se manter um jornal sério e visto como “folha de oposição” face a todo e qualquer homem de poder da época, a verdade é que, lentamente, começou a ser mais acessível ao leitor comum, ao serem divulgadas notícias sobre moda, crimes, sociedade, para além de se conservar os assuntos mais académicos e intelectuais (Santos, 2000).

Durante este período foram várias as personalidades portuguesas, mais conhecidas, que tiveram uma participação no Primeiro de Janeiro, tais como: Camilo Castelo Branco e Guerra Junqueiro, por exemplo. A expansão do jornal é de tal maneira crescente por esta altura, que em 1875, surge a oportunidade de enviar para Madrid um correspondente especial, e em finais de 1878 o número de vendas atinge os 10 mil exemplares (idem).

Vinte e um anos depois da fundação do diário portuense e de mais uma mudança de instalações (na mesma rua, mas num edifício diferente), Dr. Gaspar Ferreira Baltar (filho) fica encarregue de dirigir o jornal. A 22 de Novembro de 1901 é marcado mais um passo histórico, quando, pela primeira vez sai para as bancas o primeiro exemplar impresso na nova máquina rotativa, adquirida nesse ano. Sete anos depois esta técnica passa a ser usada em permanência (ibidem).

Em 1919 o jornal é vendido a uma nova sociedade liderada por João Pires Correia e Fausto de Figueiredo, e a direcção passa para as mãos do jornalista Jorge de Abreu. Somente dois anos depois, dá-se uma outra mudança de localização e o Primeiro de Janeiro passa a ficar sediado num palacete, igualmente, na rua Sta. Catarina.

Em Abril de 1923, é vendido novamente a outra sociedade, à qual pertencem Manuel Alves Soares, Francisco Borges, Manuel Pinto de Azevedo e Dr. Adriano Pimenta, sendo que este último assumiu o cargo de director. Contudo, a Janeiro de 1927, essa tarefa volta a ser desempenhada por Jorge de Abreu, que um ano depois compra mais uma rotativa devido ao crescente número de vendas (Santos, 2000).

Em 1932 o jornalista cede o seu lugar de director ao Dr. Marques Guedes, que por sua vez é substituído, quatro anos depois, por Manuel Pinto de Azevedo Júnior (idem).

Ainda em Janeiro de 1936 é obtida a primeira máquina de impressão a cores, que levou um ano a ser montada e posta a funcionar. Assim, a 1 de Janeiro de 1937 sai o primeiro jornal parcialmente a cores, uma vez que era uma técnica muito dispendiosa para a época.

A 7 de Junho de 1944, o director continuava a ser Manuel Pinto de Azevedo Júnior, e jornal continua a ser parcialmente imprimido a cores.

Capítulo III – Análise e discussão

3.1 – Análise Qualitativa

O exemplar do Primeiro de Janeiro analisado neste trabalho data de 7 de Junho de 1944, ou seja, a cobertura de um jornal português dos acontecimentos ocorridos no dia anterior: Dia-D.

Nesta época o modelo de jornalismo vigente em Portugal era o Modelo Autoritário (em vigor até à revolução dos cravos em 1974), o que implica inúmeras e evidentes limitações para o trabalho dos jornalistas – tendo em conta o facto de na época havia em Portugal uma ditadura –, sendo que dessas, a mais óbvia era a censura. Tudo o que era escrito tinha de passar primeiramente pela comissão de censura que aprovava, ou não, os textos.

Todos os que fossem considerados de “natureza perigosa” – ou seja, um ataque, uma opinião contrária ao regime –, eram imediatamente eliminados e as pessoas responsáveis punidas das mais variáveis formas: suspensão do jornal, pagamentos de multas e até o despedimento do jornalista responsável pelo texto, entre outros castigos.

Relativamente ao jornal aqui estudado, o seu público-alvo era toda e qualquer pessoa em geral que soubesse ler, dada a importância dos acontecimentos, e a nenhum grupo etário, político ou social em particular. Não há referência ao número de tiragens desta altura, nem na cópia, nem nas investigações que foram feitas. No entanto, tendo em conta a história e início do jornal, a alusão às cópias vendidas então, a forma como estas subiam dependendo dos acontecimentos e extras no jornal (como a guerra franco-alemã e a publicação de livros) permitimo-nos fazer uma estimativa que ronda entre os 15mil e os 20 mil exemplares.

As notícias da guerra vinham sobretudo e, quase exclusivamente de fora, através de correspondentes especiais – Desmond Tigue (enviado especial pela Reuters para a imprensa combinada) e Virgir Pinkley (director da United Press que se encontrava junto do Supremo Comando das Forças Expedicionárias Aliadas, na Europa) (Primeiro de Janeiro, 1944). O jornal estava composto por reportagens feitas no local (que posteriormente eram enviadas através de telegrama, tal como é descrito em algumas dessas reportagens) e comunicados oficiais de aliados e alemães, sendo que estes eram quase sempre da parte do Supremo Comando Aliado, e somente um comunicado das forças alemãs é imprimido. Não existem artigos de opinião ou editoriais.

Como era um jornal diário, e as reportagens dos enviados iam chegando a um ritmo acelerado através, dos atrás mencionados, telegramas, essas notícias eram imprimidas assim mesmo, tal como tinham chegado à redacção. Isto conferia ao jornal uma imagem moderna e dinâmica, e fazia o leitor sentir que estava a viver, directamente, o que se passava no norte de França.

Tendo em conta todos estes acontecimentos na Normandia, é natural que a linha editorial do jornal estivesse mais preenchida com guerra e política. Assim, as notícias principais retratam sobretudo: o ataque aliado em si, pequenas biografias sobre as principais figuras militares envolvidas – tanto anglo-americanas, como alemãs – e as reacções políticas estrangeiras e portuguesas. No entanto, também se pode encontrar neste exemplar notícias sobre negócios, sociedade, entretenimento e cultura, principalmente, nas duas últimas paginas.

Fazer seja o que for num país debaixo de uma forte e profundamente restritiva ditadura, é no mínimo difícil, mas gerir um jornal é quase impossível. Assim era a situação em Portugal em 1944. Apesar de o jornal ter um grupo fiel de leitores e, devido aos acontecimentos, vender relativamente bem, o facto de o país estar numa péssima situação a todos os níveis (política, social e economicamente), não facilitava a contratação de novos jornalistas. Como é de conhecimento comum, todas as pessoas

estavam constantemente sob o escrutínio da pde (sendo os jornalistas dos grupos mais afectados), só as notícias seleccionadas (pela comissão de censura) eram publicadas, não havia maneira de os jornalistas da casa poderem ser correspondentes especiais, porque essas (e outras) deslocações para fora do país muito raramente eram permitidas. Todos estes factores contribuíam para o “estrangulamento” do jornalismo em Portugal, como era o caso do Primeiro de Janeiro.

3.1.1 – Contexto social, político e económico dos países envolvidos nos acontecimentos

À excepção da Inglaterra e dos Estados Unidos, os restantes países participantes na Segunda Guerra Mundial ou estavam sob o comando de um ditador nacional (Alemanha e Itália, por ex.) ou tinham sido invadidos e controlados pelo líder nazi, como era o caso da Polónia e França, entre outros.

Entre os países neutros também havia ditaduras, como por exemplo em Espanha e Portugal.

Apesar de, oficialmente, Salazar ter mantido uma postura de neutralidade durante o conflito, na realidade recusou-se a receber refugiados, os judeus portugueses e quem os ajudava eram perseguidos (como por exemplo: Aristides de Sousa Mendes), enviava mantimentos para as tropas alemãs – deixando o nosso país à fome, aumentando a miséria social – e recebia ouro (entre outras coisas) que os nazis roubavam ao povo judeu. Ainda que Portugal não estivesse directamente envolvido na guerra (o único ponto positivo), a situação era péssima: não havia emprego, não havia liberdade de tipo algum e as pessoas passavam fome.

Por outro lado, na Alemanha e na França, por exemplo, a situação era incomparavelmente pior. A primeira tinha provocado a guerra, e era a causadora de

todas as situações nefastas consequentes; a segunda tinha sido invadida pela primeira. A França, a par com os restantes países invadidos pelo regime nazi – com especial destaque para a Polónia – estava de rastos.

Tal como em Portugal, quase não havia emprego, as pessoas passavam fome – pelas mesmas razões que no nosso país, mas a um nível, consideravelmente, mais agravado –, e eram fortemente oprimidas. No entanto, apesar do que se passava em território português, na França e noutros países invadidos pelos alemães – assim como na própria Alemanha – a situação era muito pior, isto porque um maior número de habitantes eram despojados dos seus bens, um maior número eram mortos indiscriminadamente, e milhares enviados para campos de concentração, sendo judeus ou não, bastando para isso que fossem vistos como opositores do regime. Todos os meios financeiros disponíveis, tanto na Alemanha como nos países ocupados, eram usados pelo líder nazi de modo a adquirir mais meios para vencer a guerra, como mais armamento e munições. Por esta altura, o penúltimo ano da guerra, todos estes países estavam economicamente falidos, socialmente devastados e a nível psicológico, a moral colectiva estava arrasada (Jordan, 2007).

Numa tentativa de mudar o curso da guerra, terminando-a, os países aliados unem-se uma vez mais com o objectivo de libertar a Europa ocupada entrando pelo norte de França, seguindo até Berlim, e assim derrubar o regime nazi e o seu líder.

3.1.2 – Contexto directo do fenómeno

Depois de cerca de dois anos a planear a maior missão militar na história contra o regime nazi, e que se pretendia que fosse o ponto de viragem na guerra, dando assim vantagem aos aliados, a Inglaterra, o Canadá e os Estados Unidos – os países envolvidos na invasão – com a ajuda de alguns contactos franceses e sob o comando supremo do general americano Dwight D. Eisenhower, conseguiram, finalmente, concretizar a tarefa, a 6 de Junho de 1944.

No dia a seguir, quando a imprensa deu conta do acontecimento, e pouco a pouco a notícia se foi espalhando, quase todas as populações dos países afligidos, directa ou indirectamente, pela guerra, ficaram apreensivas e esperançadas. Dizemos quase, porque em Londres e nos Estados Unidos, as pessoas achavam que era só mais uma missão, igual a tantas outras decorridas no passado e que não levariam a nada.

Poderemos dar-nos conta desse sentimento através de uma notícia no “Primeiro de Janeiro”, na segunda página, a esse propósito, como podemos ver na figura 1:

“Os londrinos, nos últimos três dias, estavam já acostumados aos desusados ataques aliados e ao excepcional movimentos de tropas aliadas que a noticia oficial da invasão não lhes causou grande impressão, visto já terem como certo que tal operação se daria dum momento para outro.”

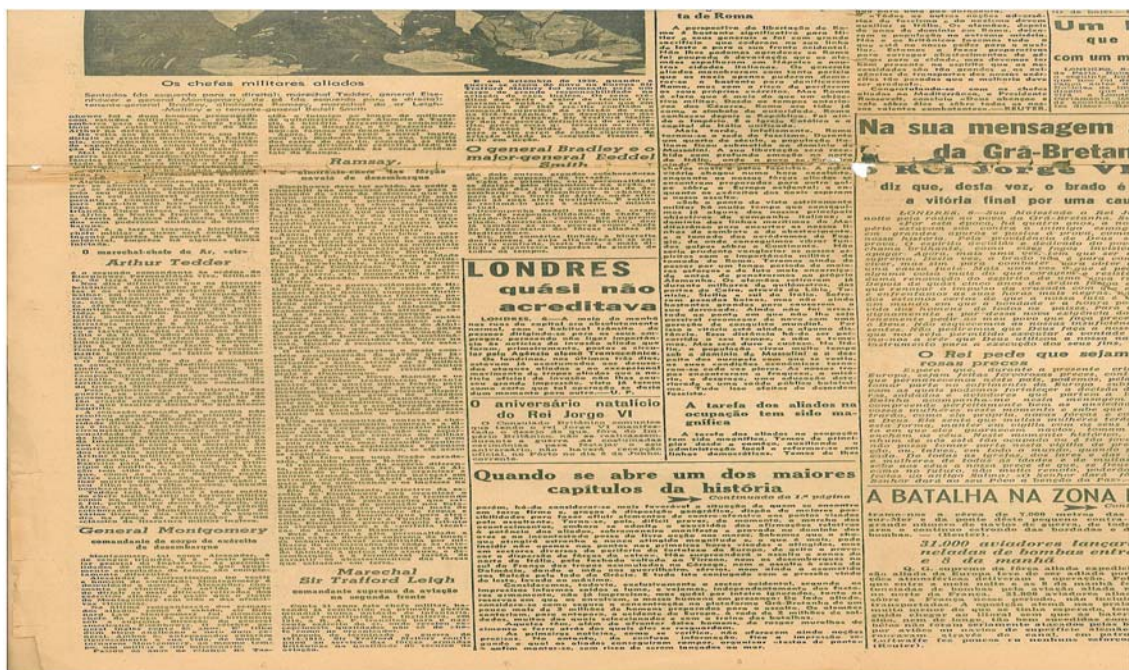


Figura 1: Notícia de enfoque “Londres quase não acreditava”
Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 2)

Na forma como as notícias são dadas no Primeiro de Janeiro nota-se que existe uma esperança, um entusiasmo, ainda que contido e prudente, já que os factos tinham decorrido há poucas horas, e ninguém sabia o que realmente esperar. E nota-se esse entusiasmo pela forma como as notícias são escritas, anunciadas e pelos títulos de destaque, mas sobretudo, pela quantidade de notícias sobre a guerra. Com a totalidade de oito páginas, o jornal contém três preenchidas, parcial ou totalmente, por notícias da invasão e do conflito.

A esta altura dos acontecimentos não era possível ao jornal (este ou outro qualquer) saber, com exactidão, o número de vítimas – militares e/ou civis – e qual a facção – aliados ou alemães – estava em vantagem neste ponto. Como podemos ver pelo exemplar do Primeiro de Janeiro aqui estudado – através das figuras 2, 3 e 4 –, o que os jornalistas podiam dizer era quantas batalhas estavam a acontecer e como estavam a decorrer, já que havia enviados especiais junto das forças aliadas:

“ As forças aliadas, protegidas e transportadas por 4.500 navios de guerra e mercantes, estabeleceram «testas-de-ponte» na costa ocidental da Europa e fizeram, em alguns pontos fundas incursões.” (Virgil Pinkley, in Primeiro de Janeiro, 7 de Junho de 1944, p.1).



Figura 2: Notícia de enfoque “ As forças aliadas (...) ”

Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 1)

“A United Press” foi informada junto do Supremo Comando das Forças Expedicionárias Aliadas de que as operações para o desembarque das tropas aliadas de invasão, no norte da França, ocorreram, esta manhã, ente as 6 e 8 horas e 15 minutos. Havia, a esta hora, sinais de pouca actividade alemã em França, o que parece indicar que os alemães foram apanhados de surpresa, tanto mais que os grandes transportes aéreos, carregados de tropas aliadas, puderam descer em aeródromos e, depois de desembarcarem as tropas a salvo, regressaram às suas bases na Inglaterra.”. (Primeiro de Janeiro, 7 de Junho de 1944, p.3).

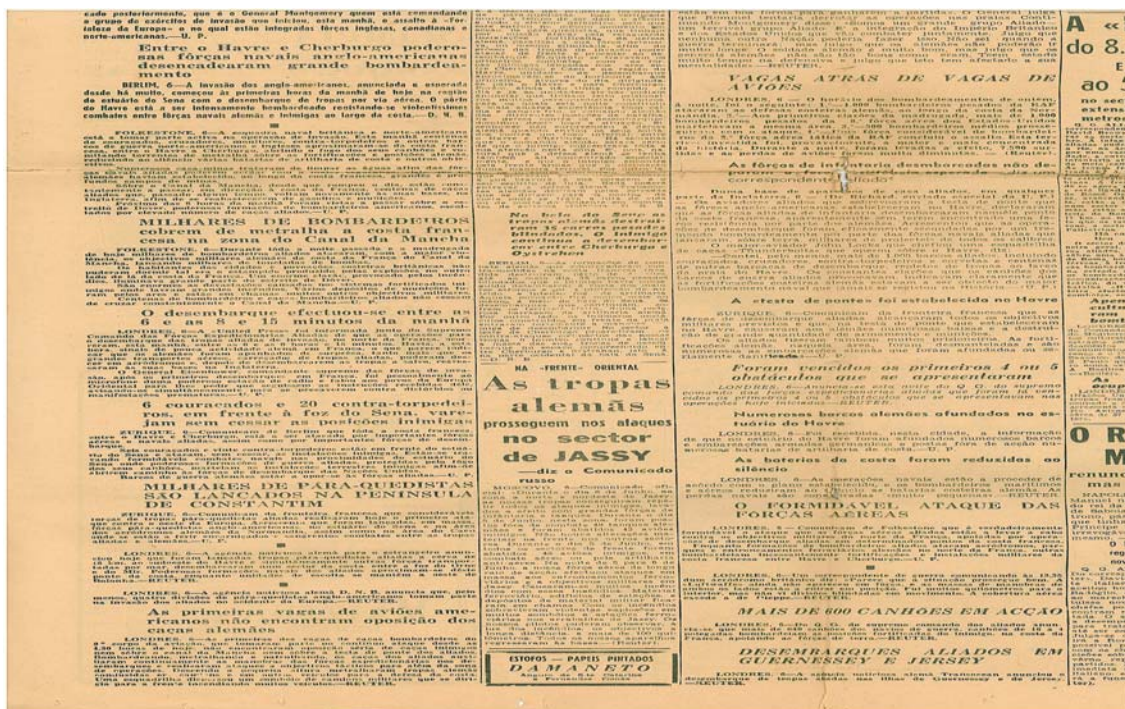


Figura 3: Notícia de enfoque “ O desembarque efectuou-se entre as 6 e as 8 e 15 da manhã ”

Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 3)

“Anuncia-se esta noite do Q.G. do supremo comando das forças expedicionárias aliadas que foram já vencidos os primeiros 4 ou 5 obstáculos que se apresentavam nas operações hoje iniciadas.” (idem).

Naturalmente com a confusão que se instalou um pouco por toda a parte na Europa e devido à falta de meios e tecnologia na altura inexistentes, há valores que não correspondem à realidade. Isto porque não podiam ser confirmados naquele momento – uma vez que os factos ocorriam a um ritmo vertiginoso –, como por exemplo: o número de tropas e de aviões compreendidos no total, quantos postos alemães foram atacados e

com que eficácia, etc. Aquando do fim do conflito, este tipo de dados foi contabilizado e corrigido, sabendo-se hoje que os números relativos a esses mesmos dados, são muito superiores ao relatado no jornal Primeiro de Janeiro de 7 de Junho de 1944.

Outra coisa que podemos reparar na forma como as notícias são publicadas, é a maneira como estão escritas. Ou seja, a linguagem é simples e fácil de entender para a generalidade das pessoas.

Os textos estão bem escritos, de acordo com o léxico da época – por exemplo, a palavra “quase” escrevia-se “quási”, “frequentou” escrevia-se “freqüentou” ou ainda, a palavra “começo” escrevia-se “comêço” – e, nota-se um recurso constante a adjetivos vários sempre que os generais (sobretudo aliados, e relativamente a estes de um modo sempre elogioso, ao contrário do que acontecia com os alemães) e a invasão são os temas reportados.

O uso a metáforas são, também, muito utilizadas, como poderemos verificar:

“...levado pelo seu dinâmico temperamento, tomou o seu automóvel e apresentou-se perante o conselho de guerra aliado (...) 5 meses depois saía para a África do Norte à frente da grandiosa teoria (?)³ de barcos...”, (...)“Personalidade viva, brilhante e de larga inteligência” (O Primeiro de Janeiro, 7de Junho de 1944, p.2).

³ Devido a alguns danos do jornal, não é possível ler com clareza algumas palavras nesta notícia em particular.

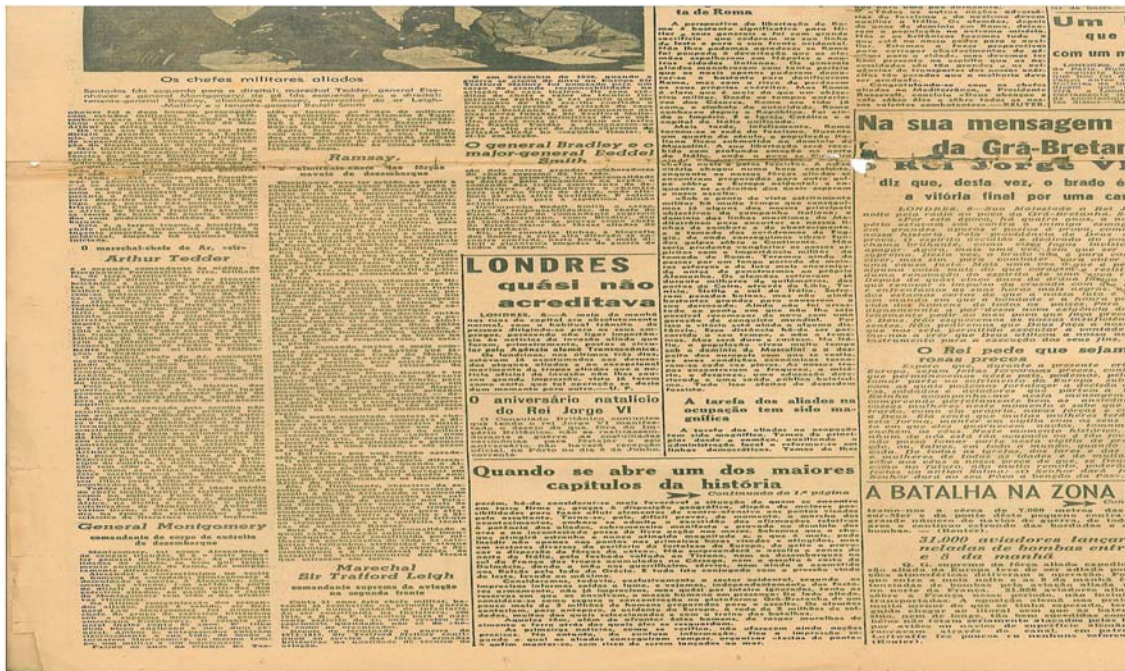


Figura 4: Notícia de enfoque: o primeiro parágrafo do canto superior esquerdo da página.
 Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 2)

Neste tipo de reportagens, cerca de 13,3% estão relacionadas com a invasão, o principal acontecimento (macro enquadramento), sendo que a primeira página do jornal é 100% dedicada ao início da batalha. Aliás, poderemos verificar isso mesmo nos exemplos de alguns textos e nas figuras 5 e 6 mais à frente:

“Com o desembarque aliado, há poucas horas iniciado na costa ocidental da Europa, abre-se, por certo, um dos últimos, senão o último capítulo da guerra. Da maneira como se desenvolve dependerá, consoante geralmente se crê, o desfecho da tremenda pugna, vai em 5 anos desencadeada. Joga-se nesta gigantesca cartada bélica, conforme também se julga, não somente a sorte de exércitos em acção e até dos países em beligerância, mas o próprio destino do mundo para muitos e dilatados anos.” (O Primeiro de Janeiro, 7de Junho de 1944, p.1).

E mais adiante:

“ O Q.G. do comando supremo das forças expedicionárias dos aliados publicou hoje um comunicado oficial com a seguinte indicação: Comunicado nº 1 – o comunicado diz: «sob o comando do general Eisenhower, forças navais dos aliados poderosamente apoiadas pela aviação, iniciaram os desembarques dos exércitos aliados, esta manhã, na costa norte da França.» (O Primeiro de Janeiro, 7de Junho de 1944, p.1).



Figura 5: Primeira metade da primeira página do jornal Primeiro de Janeiro.

Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 1)

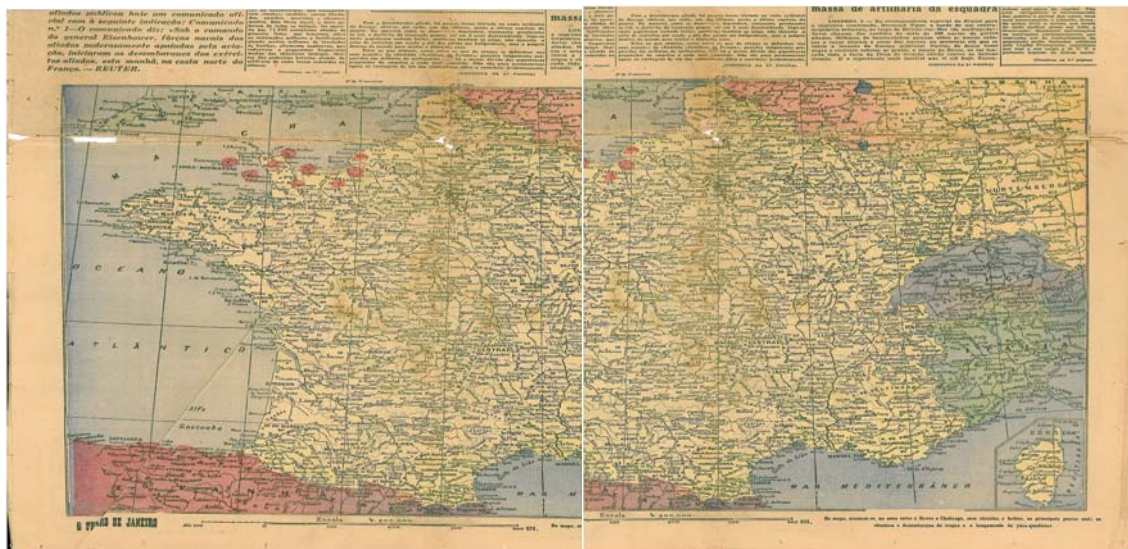


Figura 6: Segunda metade da primeira página do jornal Primeiro de Janeiro.

Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 1)

Dentro deste núcleo principal, estão as reportagens com as reacções políticas e das populações, e relatos das primeiras batalhas, formando, deste modo, micro enquadramentos.

“Do correspondente especial da Reuters para a imprensa combinada, Desmond Tigue, a bordo de um contratorpedeiro britânico, ao largo de Bernier-sur-Mer (de madrugada): saem chamas dos canhões de mais de 600 navios de guerra aliados. Milhares de bombardeiros passaram sobre as nossas cabeças e caças entram e saem das nuvens no momento em que se inicia da Europa ocidental. Nuvens de denso fumo negro e cinzento cobrem as praias, a sueste do Havre, ao ser lançada toda a fúria da força da invasão aliada contra as defesas alemãs. ” (O Primeiro de Janeiro, 7de Junho de 1944, p.2).

Através destas e doutras notícias, percebe-se que o jornal não é neutro nesta matéria e que está, claramente, do lado dos Aliados. E isso percebe-se pela maneira diferente como as reportagens sobre os Aliados são escritas, em oposição às notícias sobre o lado alemão – as referentes aos aliados são redigidas com muito entusiasmo, elogios aos militares, textos mais longos e pormenorizados, ao passo que as notícias sobre os alemães são mais sucintas, discretas, sem elogios, nem nenhum do entusiasmo mostrado nos textos sobre os aliados.

Além disso, e como já foi anteriormente mencionado, a quantidade de reportagens sobre as tropas nazis é substancialmente inferior ao das referentes às forças aliadas. Existem somente 9 notícias sobre, ou, dos alemães, para cerca de 40 sobre os soldados americanos, ingleses e canadianos. E aqui reparamos noutra grande diferença entre notícias vindas dos correspondentes das agências americanas e inglesas, como a Reuters e a United Press, e as notícias emitidas pelo governo alemão. Enquanto que as primeiras tentam ser o mais exactas possíveis perante a situação, os alemães negam e/ou minimizam os acontecimentos. Por exemplo, a propósito da notícia principal do dia – a invasão aliada à Normandia – repare-se na forma tão diferente como são encarados os factos, por ambas as partes:

ALIADOS

“Entre o Havre e Cherbourg, poderosas fôrças navais anglo-americanas desencadearam grande bombardeamento.” (Primeiro de Janeiro, 7 de Junho de 1944, p.3).

“A esquadra naval britânica e norte-americana está a tomar parte activa na operação de invasão. Esta manhã centenas de couraçados, cruzadores, monitores, contratorpedeiros e outros barcos de guerra norte-americanos e ingleses aproximaram-se da costa francesa, entre o Havre e Cherbourg, abrindo o fogo dos seus canhões e vomitando torrentes de metralha sobre as fortificações e posições alemãs, reduzindo ao silêncio várias baterias de artilharia de costa e outros objectivos.” (idem).

ALEMÃES

“Na wilhelmstrasse, manifesta-se viva satisfação pelo facto de a Inglaterra e a América se terem, finalmente, lançado na tentativa de invasão. Acentua-se, mais uma vez, que se esperava há muito tempo este acontecimento, no qual se produziu, por fim, sob pressão de Estaline.” (Primeiro de Janeiro, 7 de Junho de 1944, p.2)

“As primeiras formações de pára-quedistas inimigos defrontaram-se, logo após a sua descida – e uma grande parte ainda em plena descida – com uma energética defesa por parte das unidades alemãs que, escalonadas ao longo de toda a região costeira, desde há tempos vinham exercendo uma constante e rigorosa vigilância sobre a planície.” (Primeiro de Janeiro, 7 de Junho de 1944, p.3)

3.2 – Análise Imagética

Na génese da fotografia, em inícios de 1800, estiveram nomes como Louis Daguerre, Hercule Florence, Fox Talbot e Joseph Nicephore Niépce. Nesta época a fotografia era algo novo e digno de ser explorado em toda a sua plenitude, que depois de várias invenções e experiências começava a ser usada somente pela burguesia (Sousa, 2006, p. 291), uma vez que só pessoas com recursos financeiros elevados é que tinham a oportunidade de encomendar e fazer retratos seus. Este tipo de fotografia era, de resto, praticamente, o único tipo existente.

Isto é, entre a década de 30 e fins da década de 50 do século XIX, os meios técnicos usados na fotografia só permitiam o retrato de pessoas ou objectos que estivessem imobilizados.

Entretanto, vários outros engenhos e processos foram criados e “essas conquistas técnicas permitiram a simplificação do manuseamento das máquinas fotográficas, contribuindo para a democratização do *médium*” (Sousa, 2006).

Com o passar do tempo, a fotografia começou a ser usada por um crescente número de pessoas de várias classes sociais, ou seja, começou a tornar-se acessível às massas.

De facto, após mais revoluções tecnológicas, decorridas ao longo dos anos, e conforme Sousa (2006, p. 292):

“ (...) Pouco a pouco, a fotografia, inicialmente quase restrita ao retrato, passou a ser usada para registrar paisagens, acontecimentos, guerras, o quotidiano das pessoas, os seres vivos em interacção, a natureza (...) a ser usada como «arma de denúncia» dos atentados contra a dignidade humana, contra a dignidade e integridade dos restantes seres vivos e contra o meio ambiente. O fotojornalismo e o fotodocumentalismo nasceram, precisamente, desta confluência de registos.

Deste modo, o que acontecia em meados da década de 40 do século XX, em plena Segunda Guerra Mundial, era o uso da fotografia como meio de registar, visualmente, o que ia acontecendo nos mais variados teatros de operações do conflito. Os jornais enviavam os, hoje, categorizados como fotojornalistas para os mais diferentes locais relacionados com a guerra, para que assim, fossem capturadas imagens dos soldados, civis, ou locais emblemáticos, que seriam, posteriormente, publicadas, de modo a que os leitores tivessem um melhor e mais completo entendimento do que estavam a ler.

No caso da edição do Primeiro de Janeiro, aqui analisada, o mesmo acontece.

Assim sendo, um dos destaques da primeira página do jornal são duas imagens sobre a invasão: uma fotografia a preto e branco com uma vista aérea sobre o porto e a cidade do Havre e um mapa a cores (a única imagem a cores em todo o jornal) realçando a zona da Normandia mostrando, através de pequenos símbolos, onde ficava exactamente a área do desembarque. Tal como se pode confirmar através das figuras 7 e 8.



Figura 7: Imagem de destaque: “ Aspecto geral da cidade e porto do Havre”.

Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 1)

Somente uma imagem em todo o jornal é a cores: o mapa. Isto acontecia porque ter uma imagem a cores era algo muito dispendioso na altura. Quanto ao motivo que levou a que fosse essa imagem, em particular, a ser imprimida a cores e não outra qualquer, podemos meramente especular. Talvez porque o editor quisesse dar mais enfoque aos principais locais do acontecimento do que aos líderes envolvidos nele; ou talvez por que, estética e editorialmente era a melhor opção. Seja como for, é a imagem com maior relevo em todo o jornal.



Figura 8: Mapa do local da invasão.

Fonte: adaptado de jornal Primeiro de Janeiro, edição de 7 de Junho (1944, p. 3)

3.3 – Análise Quantitativa

Para melhor ilustrarmos e compreendermos a importância dada pelo jornal, nesta edição do Primeiro de Janeiro, ao que acontecia na Normandia em oposição ao que acontecia no nosso país na mesma altura, vamos mostrar em tabelas a quantidade de notícias sobre esses eventos, o espaço ocupado por estas em percentagem e em cm².

Tabela 1: Relevância da invasão/guerra na primeira página do jornal

Tema das notícias	Número de notícias	Percentagem (número de notícias)	Espaço ocupado em cm ²	Espaço ocupado em percentagens
Ítems sobre a invasão	5	100	100	100
Ítems sobre outros assuntos	0	0	0	0
Total:	5	100	100	100

Tabela 2: Destaque imagético da invasão na primeira página do jornal

Tema das fotografias	Número de imagens	Percentagem (número de notícias)	Espaço ocupado em cm ²	Percentagem (Espaço ocupado)
Ítems sobre a invasão	2	100	690	100
Ítems sobre outros assuntos	0	0	0	0
Total:	2	100	690	100

Como podemos ver pelas duas primeiras tabelas, o destaque foi totalmente atribuído à invasão da Normandia, tanto em notícias, como em imagens. Fosse relativamente às horas em que aconteceu o ataque aliado, fosse sobre que tipo de armamento e meios militares foram usados, fosse até pela publicação de um comunicado do Quartel General do comando supremo das forças expedicionárias, o facto é que a primeira página do jornal foi integralmente dedicada à investida aliada.

De seguida, através das tabelas 3 e 4 vemos qual a importância dada à operação militar nas restantes páginas do jornal.

Tabela 3: Relevância da invasão/guerra nas restantes páginas do jornal

Tema das notícias	Número de notícias	Percentagem (número de notícias)	Espaço ocupado em cm2	Percentagem (Espaço ocupado)
Items sobre a invasão	57	19,6	460,3	19,6
Items sobre outros assuntos	229	80,4	5406,7	80,4
Total:	291	100	100	100

Tabela 4: Destaque imagético da invasão nas restantes páginas do jornal

Tema das fotografias	Número de imagens	Percentagem (número de notícias)	Espaço ocupado em cm2	Percentagem (Espaço ocupado)
Items sobre a invasão	5	35,7	55	35,7
Items sobre outros assuntos	9	64,3	215	64,3
Total:	14	100	270	100

Tabela 5: Totalidade de notícias sobre a invasão no jornal

Tema das notícias	Número de notícias	Percentagem (número de notícias)	Espaço ocupado em cm2	Percentagem (Espaço ocupado)
Items sobre a invasão	62	21,3	330,7	21,3
Items sobre outros assuntos	229	78,7	669,3	78,7
Total:	291	100	1000	100

Tabela 6: Totalidade de conteúdo imagético sobre a invasão no jornal

Tema das fotografias	Número de imagens	Percentagem (número de notícias)	Espaço ocupado em cm2	Percentagem (Espaço ocupado)
Items sobre a invasão	7	43,7	387,6	25,8
Items sobre outros assuntos	9	56,3	612,4	74,2
Total:	16	100	1000	100

Tal como foi dito anteriormente e agora aqui confirmado por estas tabelas, notamos que a importância dada ao Dia-D é notoriamente elevada, mostrando que cerca de um terço do jornal é sobre a invasão e Segunda Guerra Mundial. No entanto, e apesar da quantidade de itens sobre esse assunto, podemos ver que, relativamente, às imagens sobre o mesmo assunto já não é possível dizer o mesmo. Isto porque o número de conteúdo imagético sobre a investida dos aliados é substancialmente inferior ao número de notícias, sendo que a proporção é de somente 7 imagens para 62 notícias.

Conclusão

No início deste trabalho propusemo-nos dar a conhecer e analisar uma edição específica de um jornal português: O Primeiro de Janeiro de 7 de Junho de 1944.

Neste sentido, todos os aspectos do jornal – desde o seu formato, as cores usadas, a forma como as notícias eram escritas, o tipo de fontes usadas, entre outros – foram estudadas em maior detalhe para que o nosso trabalho fosse melhor compreendido.

Para que o tema e o jornal fossem contextualizados, criamos um capítulo sobre o Dia-D, tentando, simultaneamente, explicar todos os momentos importantes da operação militar do dia 6 de Junho de 1944, mas sempre de uma forma o mais sucinta possível.

Entre as principais conclusões, ganham relevo as seguintes:

Primeiro: Apesar de o regime português ser ditatorial, o Primeiro de Janeiro colocou-se dinamicamente do lado dos Aliados, no Dia-D;

Segundo: As fotografias cumprem uma função mais ilustrativa do que informativa;

Terceiro: O uso de mapas infográficos para melhor exemplificar a localização e dimensão dos acontecimentos.

Bibliografia

Ambrose, S.E. (2001). *Band of Brothers*. London, Pocket Books.

Benetti, M. & Lago C. (2006). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Editora Vozes

Bougaardt, R. (2004). *D-Day Normandy Revisited, A Photographic Pilgrimage*. London, Chauser Press

Dumont, N. & Com et Graph (2007). *Carte historique – Bataille de Normandie, 1944*. Orep Editions

Freitas, A. F. (1999). *Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso*. Universidade Federal de Alagoas. Maceió

Jordan, D. (2007). *A chronology of World War II – The ultimate guide to the biggest conflict of the 20th century*. London. Grange Books

Méfret, J.P. (2007). *Carte historique – Jour J, 6 Juin 1944, La Bataille de Normandie*. Le Figaro Magazine, Orep Editions

Moreau, J.B. (2007). *The D-Day landings and the battle of Normandy*. Caen-Memorial Editions

Primeiro de Janeiro. (1944). Edição de 7 de Junho, nº 155, Porto, Primeiro de Janeiro

QuidNovi. (2003). *Grandes Batalhas da História Universal, Normandia – 1944*. QN – Edições e Conteúdos, S.A.

Saint-Georges, P. “Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político” in Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J-P, Ruquoy, D., Saint-Georges, P. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva pp. 15-47

Santos, N.F. (2000). 132º Aniversário. *Primeiro de Janeiro*. (1 de Dezembro), pp.117-120

Sousa, J. P. (2001). *Elementos do Jornalismo Impresso*. Porto, Universidade Fernando Pessoa

Sousa, J.P. (2007) *Jornalismo – História, Teoria e Metodologia – Perspectivas Luso-Brasileiras*. Porto, Edições UFP

Swiebocka, T. (1999). *Auschwitz, a history in photographs*. The Auschwitz-Birkenau Museum

Wiesenthal, S. (2006). *Genocídio*. Simon Wiesenthal Center